



## *O Gigante Egoísta*<sup>1</sup>

TODA A TARDE, enquanto retornavam da escola, as crianças costumavam ir a brincar no jardim do gigante. Era um vasto jardim e amável, de uma grama suave e verde. Aqui e acolá ficavam pela grama belas flores, como estrelas, e havia doze pessegueiros, que na primavera despontavam em flores delicadas, de cor rosa e pérola, e no outono frutificavam preciosos frutos. Os passáros repousavam sobre as árvores e cantavam com tal doçura que já tinham as crianças por costume parar os brinquedos para ouvi-los. “Quão felizes somos aqui!” elas diziam entre si.

Certo dia, o gigante retornou. Ele saíra a visitar seu amigo Cornílio, o ogro, e permaneceu sete anos com ele. Depois desses anos, ele tinha dito tudo quanto tinha a dizer, posto que era limitada a sua conversa, e decidiu retornar ao seu próprio castelo. Quando chegou, ele viu as crianças brincando no jardim.

“Que fazeis aqui?” clamou em tom muito áspero, e dispersaram-se as crianças.

“Meu jardim é o meu jardim”, disse o gigante; “todos podem entender isso, e não permitirei que ninguém brinque nele senão eu mesmo.” Então, ele edificou uma muralha, circundando todo o jardim, e posicionou um letreiro.

### INVASORES SERÃO CASTIGADOS

Ele era um gigante muito egoísta.

As crianças tristes agora não tinham mais onde brincar. Elas tentaram brincar na estrada, mas a estrada era muito cheia de poeira e de pedras duras, e elas não gostaram disso. Elas costumavam vagar ao redor da muralha, quando suas aulas eram terminadas, e falar sobre o belo jardim encerrado dentro dela. “Como éramos felizes lá”, suspiravam uma para outra.

Então veio a primavera, e por todo o país havia florzinhas e passarinhos, apenas no jardim do gigante egoísta permanecia o inverno. Como não havia crianças em seu jardim, lá os pássaros não cuidavam de cantar, e as próprias árvores esqueceram-se de florescer. Certa vez, uma bela flor ostentou sua cabeça para fora da grama, mas quando viu o letreiro, tanto se compadeceu das criancinhas que se escondeu outra vez, dentro da terra, e então foi-se a dormir. Os únicos felizes eram a Neve e a Geada. “Esqueceu-se a primavera deste jardim”, ambos bradavam, “então aqui viveremos por todo o ano.” A Neve cobriu a grama com seu grande e alvo manto, e a Geada esmaltou de prata todas as árvores. Então eles convidaram o Vento do Norte para permanecer com eles, e ele veio. Ele estava envolvido por casacos de pele, e rugia todo o dia pelo jardim, e derrubou os chapéus da chaminé. “Este é um espaço delicioso”, ele disse, “devemos convidar o Granizo para uma visita”. Então o Granizo veio. Todo o dia por três horas ele retinha sobre o teto do castelo, até que ele quebrou a maior parte das telhas, e então começou a correr e rodear o jardim, de novo e de novo, tão rápido quanto podia. Ele estava vestido de cinza, e seu sopro era como gelo.

“Eu não entendo como a primavera tarda tanto em chegar”, disse o Gigante egoísta, enquanto sentava-se perto da janela e olhava vastamente seu jardim branco e gelado; “espero que o clima mude.”

Mas a Primavera nunca veio, nem o Verão. O Outono deu frutos de ouro a todos os jardins, mas, para o jardim do Gigante, nenhum deu. “Ele é muito egoísta”, o Outono disse. Assim que lá era sempre o Inverno, e o Vento do Norte, e o Granizo, e a Geada dançavam soltos pelas árvores.

Numa manhã, o Gigante jazia acordado em sua cama, quando ouviu certa música amável. Esta soava tão docemente aos seus ouvidos que ele pensou que o rei dos músicos o visitava. Na verdade, era apenas um pequenino rouxinol gorjeando pelo lado de fora da janela, mas já havia tanto desde que ouvira um pássaro cantando no jardim, que lhe pareceu a mais bela música do mundo. Então o Granizo cessou de dançar sobre sua cabeça, e o Vento do Norte deixou de rugir, e um delicioso perfume insinuou-se a ele através da janela aberta. “Eu acredito que a Primavera chegou, enfim”, disse o Gigante; e levantou-se da cama para olhar pela janela.

O que ele viu?

Ele viu a mais maravilhosa das visões. Através de um buraco na parede, as crianças insinuaram-se para dentro do jardim, e agora se sentavam sobre os ramos das árvores. Em toda árvore que o Gigante podia ver, havia uma criancinha. E tal era a felicidade das árvores, por terem de volta as crianças, que todas de flores se cobriram, e meneavam gentilmente seus braços sobre a cabeça das crianças. Os pássaros adejavam pelos ares e gorjeavam com prazer; as flores olhavam pela grama verde e riam. Era uma cena doce e adorável. Apenas em um canto do jardim permanecia inverno. Era o canto mais apartado do jardim, e lá estava um menininho. Ele era tão pequeno que não podia alcançar os ramos da árvore, e a rodeava, e chorava contrariado. A pobre árvore ainda estava muito coberta de geada e neve, e o Vento do Norte soprava

---

1 Famoso conto de Oscar Wilde, traduzido do original inglês publicado na seguinte página: <http://www.inf.fu-berlin.de/lehre/pmo/eng/Wilde-Giant.pdf>

e rugia sobre ela. “Sobe, menino!” disse a árvore, e abaixou seus ramos tanto quanto podia; mas era muito pequeno mesmo o menino.

Derreteu-se o coração do Gigante de compaixão. “Quão egoísta tenho sido!” ele disse; “agora conheço porquê a Primavera não chegou aqui. Alçarei esse menininho inocente ao topo da árvore, e derrubarei a muralha, e será meu jardim para sempre uma praça para as crianças.” Ele de verdade se arrependeu do que tinha feito.

Então ele desceu as escadas e abriu com cautela o pórtico do castelo, e saiu para o jardim. Mas quando as crianças o viram, tanto o temeram, que correram dele, e outra vez o inverno cobriu o jardim. Apenas o menininho não correrá, pois seus olhos eram tão lacrimosos que não pôde enxergar o Gigante se aproximando. O Gigante colocou-se por detrás do menininho e tomou-o com gentileza na sua mão, e o alçou em cima da árvore. Esta então duma só feita floresceu, vieram os pássaros sobre ela, e cantaram, e o menininho, esticando os braços, cingiu-os no pescoço do Gigante, e deu-lhe um beijo. Nisto as outras crianças, vendo que o Gigante não era perverso mais como dantes, tornaram logo correndo, e com elas a Primavera. “É o vosso jardim agora, crianças,” disse o Gigante, e, tomando do seu grande machado, derrubou abaixo a muralha. E os adultos, que iam ao mercado ao meio-dia, encontraram o Gigante, no mais belo jardim que viram, brincando com as crianças.

O dia inteiro eles brincaram, e à noite juntaram-se dele as crianças para lhe dizerem adeus.

“Mas onde está o vosso pequeno companheiro?” ele disse: “o menino que alcei na árvore.” O Gigante amou-o mais do que aos outros, porque ele o havia beijado.

“Nós não sabemos”, responderam as crianças; “ele desapareceu.”

“Vós lhe deveis dizer que se sinta seguro e venha aqui amanhã,” disse o Gigante. Mas as crianças disseram-lhe que não sabiam onde ele morava, e que nunca o tinham visto antes; e nisto sentiu-se muito triste o Gigante.

Toda a tarde, terminadas as aulas, as crianças vinham e brincavam com o Gigante. Mas o menininho, que o Gigante amou, nunca mais foi visto. O Gigante era, contudo, amável com todas as crianças, mas ele esperava ainda por seu primeiro e pequeno amigo, e não raro falava dele. “Como eu gostaria de vê-lo!” ele costumava dizer.

Passaram-se anos, e o Gigante envelheceu muito e tornou-se muito débil. Ele não podia brincar mais pelo jardim, então sentou-se numa poltrona enorme, e observou as crianças em seus brinquedos, e admirou o seu jardim. “Tenho muitas flores belas”, ele disse; “mas as crianças são as mais belas dentre as flores.”

Numa manhã de inverno, ele olhou através de sua janela enquanto se vestia. Agora ele não odiava mais o Inverno, pois sabia que era simplesmente a Primavera adormecida, e que descansavam as flores.

Subitamente ele esfregou os olhos espantado, e mirou e mirou. Certamente era uma visão maravilhosa. No canto mais distante do jardim, havia uma árvore bem coberta de flores brancas e amenas, cujos ramos eram de ouro e frutos prateados pendiam deles, e abaixo dela ficava o menininho, que o Gigante amara.

O Gigante correu pelas escadas em grande alegria, e saiu para o jardim. Ele andou apressado pela grama e aproximou-se da criança. E quando chegou muito perto dela, sua face enrubescceu-se de raiva, e ele disse, “Quem ousou vos ferir?” Porque nas palmas das mãos da criança havia as chagas de dois cravos, e duas chagas também marcavam seus pés pequeninos.

“Quem ousou vos ferir?” bradou o Gigante; “dizei-me, que tomo da minha espada ingente e o mato.”

“Não!” respondeu a criança; “mas estas feridas são de Amor.”

“Quem sois vós?” disse o Gigante, tomado duma estranha admiração, e ajoelhou-se perante o menininho.

E a criança sorriu ante o Gigante, e lhe disse, “Tu me deixaste brincar uma vez no teu jardim, hoje tu vens comigo ao meu, que é o Paraíso.”

E quando as crianças correram ao jardim naquela tarde, acharam o Gigante jazendo morto debaixo da árvore, todo coberto de flores brancas.





**WAVERLEY OR 'TIS SIXTY YEARS SINCE<sup>1</sup>**  
**VOLUME I.**

**WAVERLEY, ou JÁ HÁ SESENTA ANOS.**  
**VOLUME PRIMEIRO.**

**Capítulo I.**  
**INTRODUTÓRIO.**

O título desta obra não foi determinado sem a circumspecta e segura deliberação que matérias valorosas exigem dos prudentes. Até a sua primeira denominação, ou a geral, não foi o resultado de uma pesquisa ou seleção comum, contudo, conforme o exemplo de meus predecessores, bastava-me tomar o mais eufônico e melodioso sobrenome, que a topografia ou história inglesa nos oferece, e elegê-lo duma vez como título de minha obra, e nome de meu herói. Mas, por uma infelicidade, que poderiam ter esperado os meus leitores dos cavaleirescos epítetos de Howard, Mordaunt, Mortimer, ou Stanley, ou dos sons mais suaves e sentimentais de Belmour, Belville, Belfield, e Belgrave, senão páginas inanes, similares àquelas que têm sido tão celebradas já por meio século? Eu devo confessar modestamente que sou muito tímido dos meus próprios méritos, para colocá-los em oposição desnecessária ante associações pressupostas. Destarte, tenho, como um magriço e seu branco escudo, tomado para meu herói, WAVERLEY, um nome estreme, que porta com seu som pouco de bom ou mal, excetuado quanto o leitor doravante se deleitará de lhe ajuntar. Mas o meu título segundo, ou suplementar, foi matéria de mais difícil definição, posto que, por breve que seja, pode ser tomado como um compromisso do autor de dispor a sua narrativa de algum modo peculiar, desenhando-lhe os caracteres e direcionando-lhe os acontecimentos. Tivesse eu proclamado, por exemplo, no frontispício, “Waverley, um conto de outras épocas”, não teria todo o leitor de romances pressuposto um castelo pouco diverso daquele de Udolfo, cuja ala leste jaz há muito inabitada, e as suas chaves ou perdidas, ou confiadas aos cuidados de qualquer mordomo ou caseiro antigo, cujos passos trêmulos – lá pelo meio do segundo volume – fatalmente condenariam o herói, ou heroína, a destinos danosos? Não teria a coruja clamado e chorado o grilo logo na fachada de minha obra? E então me seria possível acrescentar, com comedida atenção ao decoro, cena qualquer mais vigorosa do que aquelas que a jocosidade dum criado frívolo, mas fiel, produziria, ou do que a narrativa garrula da heroína *fille-de-chambre*, quando concertando os feitos de sangue e terror que ouvira no corredor dos servos? Outra vez, tivesse tomado o título “Waverley, um romance dos alemães”, quem seria tão obtuso para não representar um abade dissipador, um duque cruel, uma associação secreta e enigmática dos Rosa-Cruz e Illuminati, com todos os seus apanágios, de capuzes negros, cavernas, adagas, maquinário elétrico, alçapões, e lanternas? Ou, se tivesse nomeado de “*Uma História Sentimental*” a minha obra, não teria sido suficiente presságio duma heroína com cabelos ruivos copiosos, e com uma harpa, suave refrigério de suas horas solitárias, que ela felizmente sempre é capaz de transportar do castelo para a cabana, apesar de ela mesma ser às vezes obrigada a saltar duma janela, subida do chão por dois degraus, e mais de uma vez se perde em sua jornada, sozinha andando, tendo por guia ninguém senão uma pastora gorda e desasseada, cujo dialeto mal pode compreender? Ou, novamente, se meu Waverley fosse nomeado “Um conto dos tempos”, não terias tu, leitor amigo, me exigido um debuxo elegante do famoso mundo, algumas poucas anedotas de qualquer escândalo privado, quase descoberto; e se o pintasse voluptuosamente, não te seria tanto então melhor? Uma heroína de Grosvenor, e um herói do Clube Barouche ou do *Four-in-Hand*, com uma série de caracteres submissos vindos dos salões da Rua Oriental da Rainha Ana, ou heróis galhardos do escritório da Rua do Arco? Poderia estender-me na demonstração da importância do frontispício, e ostentando simultaneamente meu próprio conhecimento pessoal dos componentes particulares necessários para a composição de vários modos de romances e novelas – mas por ora basta, e desprezo tyrannizar mais a paciência de meu leitor, que indubitavelmente já anseia por saber a determinação tomada por um autor tão profundamente versado nos diferentes ramos de sua arte.

Determinando, então, a data da minha história sessenta anos antes do presente primeiro de novembro, de 1805, teria feito entender aos leitores que eles não encontrarão nas páginas subseqüentes nem um romance de cavalaria nem um conto de costumes modernos; que o meu herói não terá ferro nem sobre seus ombros, como antigamente, nem nos saltos de suas botas, como hoje é moda presente na Rua do Bonde; e que as minhas

---

1 Romance ilustre de Sir Walter Scott, disponibilizado virtualmente no site do *Projeto Gutenberg*:  
<https://www.gutenberg.org/ebooks/5998>

donzelas não estarão nem vestidas “em púrpura e em cinza”, como a dama Alice duma balada antiga, nem reduzidas à primitiva nudez duma moda moderna pendente ao exílio. Desta minha determinação de uma época, os críticos inteligentes podem ulteriormente vaticinar que o objeto da minha história é mais a descrição de varões, do que de costumes. Uma história de costumes, para ser interessante, deve ou referir-se à tão longa antiguidade, que é já tornada veneranda, ou deve portar uma reflexão vívida daquelas cenas que diariamente desfilam diante nossos olhos, e que são interessantes por sua representação romanesca. Destarte, a cota de malha de nossos ancestrais, e a pelica de três peles de nosso moderno galanteador, podem, apesar de por motivos mui diferentes, ser igualmente próprias para a composição de um caractere fictício; mas quem, querendo que o traje de seu herói fosse impressionante, deliberadamente o adornaria do vestuário real do reino de Jorge II, sem colares, de largas mangas, e de bolsos baixos? Com igual verdade, o mesmo pode dizer-se dos corredores góticos, que, com suas janelas tintas e escurecidas, seus tetos altos e sombrios, e com sua mesa ingente de carvalho, ornada de alecrim e da cabeça de um porco selvagem, faisões e pavões, gruas e cisnes, têm efeito excelente na descrição fictícia. Muito também se pode alcançar com a descrição viva de qualquer festa moderna, tal como temos diariamente memorado naquela parte do jornal chamado *O Espelho da Moda*, se contrastarmos estes, ou qualquer destes, com a formalidade esplêndida dum recreio nomeado *Já Há Sessenta Anos*; e daí será prontamente visto quanto o pintor de antiguidade ou de maneiras famosas excede àquele que debuxa outrem da passada geração.

Considerando as desvantagens inseparáveis desta parte de minha matéria, deve-se entender que decidi evitá-las tanto quanto possível, concentrando a força de minha história sobre os caracteres e paixões de meus atores – estas, comuns aos homens de todas as partes sociais, e que têm também comovido o coração humano, latejasse ele debaixo duma armadura de ferro do século quinze, ou sob o brocado do século dezoito, ou ainda sob o vestido azul e o colete de remendos dos dias de hoje. Sobre estas paixões sem dúvidas é verdadeiro que o estado dos costumes e das leis lança-lhes um esmalte necessário; mas, para usar da heráldica linguagem, os brasões continuam os mesmos, apesar de os esmaltes serem não apenas diversos, mas opostos em grande contradição. A cólera de nossos ancestrais, por exemplo, era coberta da cor goles<sup>2</sup>; e arrojou-se em atos de livre e sanguinária violência contra os objetos de sua fúria. Nossos sentimentos malignos, que devem satisfazer-se por meios mais indiretos, e minar os obstáculos que não podem abertamente expugnar, podem melhor dizer-se da cor saibro<sup>3</sup>. Mas o motivo profundo é o mesmo em ambos os casos; e o orgulhoso nobre, que ora pode apenas arruinar seu irmão de acordo com a lei, por processos eternos, é descendente verdadeiro do barão que envolveu o castelo de seu competidor em chamas, e lhe esmagou a cabeça quando pretendia fugir da conflagração. É do grande livro da Natureza, igual em milhares de edições, ou de letras negras, ou tecido em fios, ou prensado ardente, que eu tentei venturosamente ler um capítulo ao público. Algumas oportunidades favoráveis de contraste têm-se oferecido a mim pelo estado da sociedade na parte boreal da ilha no período de minha história, e devem servir duma vez para adornar e ilustrar as lições morais, que cuidadosamente considere como a parte mais importante de meu plano. Contudo, conheço quão rápido essas lições desviarão de seu fim, se for eu incapaz de lhes misturar com algum divertimento – uma tarefa não tão fácil nesta geração crítica, que lerá “Já há sessenta anos...”

---

2 N.T. Em heráldica, uma das cinco classes de tinturas negras. É como escarlata.

3 N.T. Esta é a cor preta em heráldica.

## ARQUITETURA ROMANA<sup>1</sup>

(146 a.C. - 365 d.C., precedida da etrusca, 750 a.C. - 100 a.C.)

### 1. INFLUÊNCIAS.

#### I. Geográficas.

A relativa simplicidade da longa costa linear da península italiana produz forte contraste ante a complexidade da escarpada costa da Grécia e as inúmeras ilhas do Arquipélago. Tem Itália poucos portos naturais e poucas ilhas ao longo de suas costas e corre a grande cadeia dos apeninos, como uma espinha, abaixo para o centro do país, e grande parte deste é muito montanhosa, mas Itália não se fende em pequenos vales isolados como a Grécia. Estas diferenças geográficas claramente distintas entre o país dos gregos e o dos romanos têm sua contrapartida em diferenças igualmente salientes de caráter nacional. A posição central e soberana de Itália no Mar Mediterrâneo permitiu a Roma atuar como força intermediária na disseminação de arte e civilização pelo resto da Europa, da Ásia Ocidental e do Norte da África. No seu esforço, construtor de impérios, procederam os romanos logicamente: expugnavam primeiro pela guerra, depois dominavam por sua força de caráter, e então mandavam pelas leis e civilizavam pelas artes e pelas letras. Também é natural que, sob diferentes condições geográficas, os métodos adotados por Roma para estender sua influência fossem diversos daqueles adotados pela Grécia. Os romanos não eram um povo navegador como os gregos, e não mandavam colonizadores como eles para todas as regiões do mundo então conhecido: eles dependiam, para a extensão de seu poder, não da colonização, mas da conquista. O poder romano primeiro construiu-se na própria Itália por uma absorção gradual dos pequenos estados, num tempo em que havia poucas cidades rivais, quando vilinhas não eram muito orgulhosas de sua individual independência; enquanto nem Atenas nem Esparta foram capazes de perpetrar tal processo de absorção, por causa da feroz independência da cada cidadezinha grega, protegidas como eram em seus vales isolados e quase impenetráveis. O Império Romano no fim não se confinava geograficamente a Itália, mas, como se vê no mapa (p.135), incluía todas as partes da Europa, do Norte da África, e da Ásia Ocidental que constituía o mundo até então conhecido.

#### II. Geológicas.

A formação geológica da Itália difere daquela da Grécia, onde o principal e quase único material usado na construção era o mármore; enquanto além do mármore os romanos podiam utilizar terracota, pedra e tijolo, os quais materiais todos usavam, até para edifícios importantes. Na vizinhança de Roma havia travertino, uma dura pedra calcária de Tivoli; tufa, um depósito calcário do qual as colunas de Roma são principalmente compostas; peperino, uma pedra vulcânica do Monte Albano; lava, das erupções vulcânicas, além da areia excelente e cascalho. O material construtivo, contudo, que levou a grandes inovações estruturais foi o concreto formado de pozolana, uma terra limpa e arenosa encontrada em densas camadas, a qual tem a propriedade peculiar de, quando se une ao cal, formar concreto coesivo e excessivamente duro, o que possibilitou alguns dos melhores exemplos da arquitetura romana. Não apenas cúpulas e abóbadas mas frequentemente paredes se faziam desse concreto, e estas eram esmaltadas de tijolos, pedra, alabastro, pórfiro e outros mármore, escavados de inúmeras minas por bandos de escravos. Plínio assinala que enormes quantidades de mármore branco e colorido eram importadas de todas as partes do Império para cais especiais no Tibre e eram então trabalhados por bandos de escravos e convictos. A arquitetura romana, como se espargiu sobre todo o mundo então conhecido, era naturalmente influenciada por várias fontes, pelos materiais encontrados na larga variedade de locais onde de semeava. Mas concreto, que em conjunção com tijolos e pedras era o material favorito, ajudou a uniformizar o estilo da arquitetura romana através do Império, e deste modo influências geológicas locais eram até certo ponto desprezíveis. Na Síria, contudo, como em Balbeque, também no Egito, como em Filas, a produção das minas era tão ilimitada que enormes blocos de pedra tomaram o posto do concreto romano, e destarte o uso tradicional desses países prevaleceu.

---

1 Excerto da *History of Architecture on the Comparative Method* (15th ed.) de Banister Fletcher.

### **III. Climáticas.**

O Norte da Itália tem o clima da região temperada da Europa, a Itália Central é volúvel e ensolarada, enquanto o Sul é quase tropical. A variedade das condições climáticas basta para explicar a diversidade do trato e dos traços arquitetônicos na península, enquanto os diferentes climas das várias províncias romanas, indo da Inglaterra até o Norte da África, e de Síria até a Espanha, produziram modificações locais em detalhes, apesar do caráter arquitetônico romano ter sido tão manifesto e assertivo que deixava pouca escolha no debuxo geral dos edifícios.

### **IV. Religiosas.**

A religião da antiga Roma era uma parte da constituição do Estado, e até a adoração dos deuses, que fora tomada dos gregos sob nomes latinos com atributos tais para adequar-se às exigências religiosas romanas, foi eventualmente sustida apenas como matéria da política estatal. O Imperador ultimamente recebia honras divinas e pode quase descrever-se como a cabeça do Panteão das deidades das várias províncias que caíram sob o mando disseminado e tolerante dos romanos. O sentimento religioso sob Roma não era influente como sob Grécia e não entrou, no mesmo grau, na vida das pessoas, e nem nós encontramos que tenha constituído o laço de união entre as diversas províncias do Império. A posição do imperador como pontífice máximo é muito sugestiva da glorificação do Império mais que da religião, e o oficialismo estampava seu caráter até na arquitetura dos templos. Os principais edifícios não eram apenas templos, como na Grécia, mas construções públicas que eram a expressão material do mando romano e do poder imperial. Na religião romana, o sacerdotismo não tinha espaço e os sacerdotes não eram, como no Egito, uma classe poderosa e privilegiada, mas praticavam apenas sacrifícios, enquanto vates determinavam por augúrios a vontade dos deuses. Toda casa, palácio ou vila ou "domus", continha um altar para os Lares ou deuses familiares, e a adoração dos ancestrais era parte reconhecida dos ritos religiosos; então sucedeu que Vesta, deusa do lar, fosse exaltada a uma alta posição no Panteão romano dos deuses, e as virgens vestais, atreladas aos templos de Vesta, eram de maior importância que os sacerdotes ordinários de sacrifício.

### **V. Sociais.**

Em tempos primevos Etrúria, no centro da Itália, foi ocupada pelos etruscos — provavelmente um povo ariano que parece ter-se lá estabelecido antes da autêntica história começar, povo de grandes construtores. Os gregos tinham colônias no Sul que eram reunidas sob o nome "Magna Græcia". A Itália não foi habitada por uma raça somente, mas por muitas. Na Gália Cisalpina havia lígures, úmbrios e etruscos. O resto da Itália era originalmente ocupado pelos pelagianos, ou tribos da raça ariana que se tinham separado dos celtas, teutões, e outros, e que tinham sido parte da mesma raça que originalmente habitara a Grécia. A primeva forma governamental da Itália lembrava a da Grécia, e vilas e distritos uniam-se em ligas. O governo de Roma foi, num primeiro período, sustido por reis escolhidos (753 — 509 a.C.), ajudados por uma assembléia popular. Mas por volta de 500 a.C. Roma tornou-se uma república. Na derrota de Pompéia em Farsália, Júlio César remanescera sem rival, mas foi assassinado em 44 a.C., quando um período de grande confusão se seguiu. Então veio o triunvirato, consistindo de Marco Antônio, Caio Otávio (sobrinho-neto de Júlio César) e Marco Emílio Lépidio, que se opuseram a Bruto e Cássio, e eventualmente os sobrepujaram. Na derrota de Marco Antônio em Áccio, Caio Otávio começou a reinar e, quando a necessidade de um governo centralizado para as províncias distantes resultou na formação do Império, recebeu o título de Imperador, e depois em 27 a.C. o de Augusto, posteriormente usado por todos os imperadores romanos. A idade augusta foi uma das grandes eras da história do mundo, como aquela de Péricles na Grécia, a de Elisabete na Inglaterra, e o século dezenove através de toda a Europa. Em tais épocas, uma nova primavera parece preencher a vida nacional e individual, vitalizando a arte e a literatura. Com efeito, Augusto blasonava de, tendo



tomado Roma cidade de tijolos, tê-la tornado uma de mármore. Os poetas Virgílio (70 - 19 a.C.), Horácio (65 - 8 a.C.), Ovídio (43 - 17 d.C.), e Lívio historiador (59 - 17 d.C.) todos floresceram nesse grande período. Os versos de Virgílio e Horácio mostram que a população coalhava nas cidade e desgostava a vida campestre, tal que a terra gradualmente deixou de ser cultivada e dependia o povo dos cereais importados. Seguiu Augusto, morto em 14 d.C., uma linha de famosos imperadores, dos quais Nero (54 - 69 d.C.), Vespasiano (69 - 79 d.C.), Trajano (98 - 117 d.C.), Adriano (117 - 138 d.C.), Septímio Severo (192 - 211 d.C.), Caracala (211 - 217 d.C.) e Diocleciano (284 - 305 d.C.) foram os maiores patronos da arquitetura. Os "atos construtivos" de Augusto e seus sucessores, Nero e Trajano, mostram a influência controladora do Estado sob a arquitetura. Então seguiu-se um período quando a população turbulenta dentro da cidade imperial, e os exércitos enormes necessários para sustentar a invasão bárbara em todas as fronteiras, dominaram o governo. Imperadores não eram antes escolhidos do que mortos e o caos social enfraqueceu o poder político do Império. A vida social dos romanos claramente revela-se na sua arquitetura — termas havia para banhos e jogos, circuitos para corridas, anfiteatros para contendidos de gladiadores, teatros para dramas, basílicas para tribunais, templos estatais para religião, e a "domus" para a vida familiar, enquanto o fórum era por toda a parte o centro da vida pública e do comércio nacional. Entre toda esta diversidade de propósitos há um traço perene que corre por toda a vida romana, e este é a capacidade romana de obedecer, que era a base já da sociedade, já do Estado romano. A "patria potestas", ou poder supremo do pai, era a pedra fundamental da vida familiar, e da obediência à sua autoridade, fosse à cabeça da casa, ou aos censores do Estado, os romanos desenvolveram a sua capacidade de criar leis, e através desta característica especial deixaram uma marca especial na história do mundo. No sistema social romano, havia apenas patrícios, plebeus ou escravos, e não havia classe média. As mulheres romanas eram tidas em alta consideração, a vida familiar era protegida, e o templo de Vesta, o mais sagrado espaço de Roma, gravara para todos os tempos a sacralidade atrelada pelos romanos aos lares.

## **VI. Históricas.**

A fundação de Roma é de data incerta, mas geralmente se aceita 753 a.C., e até 509 a.C. seu desenvolvimento e seu destino repousavam nas mãos de antigos reis. A república que se seguiu envolveu-se em muitas guerras, conquistando várias cidades etruscas, mas foi derrotada em 390 a.C. pelos gauleses, que ocuparam por certo tempo o norte da Itália. Por volta de 343 a.C., começou a conquista romana da Itália, que em cerca de sessenta anos resultou no domínio de uma cidade sobre muitas outras. Logo então vieram as guerras com os povos fora da Itália, e Pirro, rei de Epiro, foi o primeiro a ser subjugado. A primeira guerra púnica (264 - 241 a.C.) contra Cartago desencadeou a anexação da Sicília como primeira província romana. A segunda guerra púnica (218 - 201 a.C.) foi a contenda mais severa em que tomaram parte os romanos; pois Aníbal, o grande general cartaginense, invadiu Itália pelo norte, derrotou os exércitos romanos, e manteve-se na Itália até reencontrar contra-ataque dos romanos, sob Cipião, sobre a própria cidade de Cartago. A terceira guerra púnica (149 - 146 a.C.) terminou na destruição de Cartago, que com seu território tornava-se uma província romana na África. A conquista da Macedônia (168 a.C.) e da Grécia (146 a.C.) acrescentou duas outras províncias ao Império Romano, e também estimulou a importação da arte e de artistas gregos na Itália. A Grécia, por sua vez, tornara-se marco estimulante para os romanos da Ásia Ocidental, que foi gradualmente subjugada até transformar-se em 133 a.C. uma província romana. Com as conquistas da Síria (190 a.C.) e da Espanha (133 a.C.), o Império Romano estendeu-se do Eufrates até o Atlântico, enquanto as campanhas de César (58 - 49 a.C) tornaram o Reno e o canal inglês seus limites boreais. Em 30 a.C., acrescentava-se o Egito ao império, e em 43 a.C, Britânia tornou-se província romana. Então depois, quando o Império alcançara sua maior extensão, descontentamento no centro e ataques bárbaros nas fronteiras levaram ao enfraquecimento da autoridade que resultou em seu declínio e final exício. Constantino (306 - 337 a.C.) removeu sua capital para Bizâncio em 324 a.C. como um centro mais conveniente para o Império extenso. Porém, este em 365 a.C. dividia-se em Leste e Oeste com dois imperadores, e o ano de 475 a.C. marca o fim do Império Romano Ocidental pela eleição de Odoacro como o primeiro rei da Itália.

## **A ARQUITETURA DO CRISTIANISMO PRIMITIVO**

(400 – 1200 d.C.)

### **I. INFLUÊNCIAS.**

#### **I. Geográficas.**

A Cristandade nascera na Judeia, uma província oriental do Império Romano, mas rapidamente tornou-se um organismo vivo, e foi naturalmente carregada por São Pedro e São Paulo e outros missionários para Roma, como o centro do Império Global. Lá, na fonte original do poder e influência, e a despeito da oposição e perseguição, a nova religião tomou raiz e cresceu até tornar-se forte o suficiente para tornar-se a religião universal reconhecida de todo o Império. A primeira arquitetura cristã em Roma foi influenciada, como logicamente se esperaria, pela arte romana existente, e foi modificada em outras partes do Império de acordo com o tipo já reconhecido como adequado para a situação geográfica desses países, como a Síria, a Ásia Menor, o Norte da África e o Egito.

#### **II. Geológicas.**

Pode-se dizer que as influências geológicas atuaram indiretamente, mais do que de modo direto, na arquitetura do Cristianismo primitivo, pois as ruínas dos edifícios romanos frequentemente proveram as minas de extração donde materiais de construção eram obtidos. Isto influenciou o estilo, tanto na construção como na decoração; pois as colunas, e outros traços arquitetônicos, como belas esculturas e mosaicos de outros prédios, eram trabalhados nas igrejas basílicas da nova fé.

#### **III. Climáticas.**

O clima da Itália, o mais importante centro de atividade construtiva desta época, foi tratado no capítulo sobre a arquitetura romana. As condições climáticas de tais províncias romanas como o Egito, Síria e o Norte da África, onde o Cristianismo estabeleceu-se, eram mais ou menos variadas, e naturalmente modificaram o estilo desses países onde o Sol mais vigoroso e o clima mais quente faziam necessitar de janelas menores e de outros traços orientais.

#### **IV. Religiosas.**

Em toda a história da humanidade não há registro tão impressionante como a ascensão do Cristianismo, e nenhum fenômeno tão notável como a rapidez com a qual dimanou pelo mundo civilizado; e não apenas nesta era, mas em todas as idades subsequentes, a Cristandade inspirou a edificação de alguns dos maiores monumentos arquitetônicos. O número de comunidades cristãs estabelecidas pelo Apóstolo Paulo nas suas jornadas missionárias, ao redor do Mediterrâneo Oriental, na Síria, na África, na Grécia e na Itália, pode nos levar a esperar mais ruínas de basílicas do Cristianismo primitivo por esses distritos. Conectado a isto, contudo, deve-se lembrar que o Deus pregado por São Paulo não era “como a pedra e o ouro gravados por arte e artifício do homem, nem um Deus que perambulava por templos feitos com mãos”, como aqueles templos dos antigos gregos e romanos, que eram edificadas para guarnecer as estátuas dos deuses. O propósito das igrejas cristãs era abrigar os adoradores que se encontravam para orar e louvar a um Deus invisível e, durante as indeterminadas condições no começo do Cristianismo, vários prédios foram adaptados para sua adoração. Deste modo, a edificação de templos pagãos cessou antes de qualquer tentativa de construir igrejas cristãs. Em 313 d.C., Constantino promulgou seu celebrado decreto de Milão, conferindo ao Cristianismo iguais direitos aos das outras religiões, e em 323 d.C. ele próprio professou o Cristianismo, que se tornou a religião oficial do Império Romano, e então os cristãos começaram a edificar igrejas de tipo adequado às suas necessidades e ritual. Fortificado por sua função oficial, e então liberto da necessidade de unidade interna, que fora engendrada pela perseguição externa, diferenças doutrinárias uma vez se desenvolveram na Igreja, e o Concílio de Niceia (325 d.C.), convocado por Constantino, foi o primeiro de vários concílios realizados para a resolução de disputas sobre heresias. O firme progresso do Cristianismo foi temporariamente detido por uma reação ocorrida sob Júlio, o Apóstata (360 – 363 d.C.), e então por muitas gerações a religião sofreu um eclipse como poder na civilização europeia, e todo o continente foi dedicado a guerra e anarquia. Papa Gregório, o Grande (590 – 604 d.C.), empregou o Exército Imperial de Constantinopla para defender Roma contra os lombardos, e deste modo, harmonizando-se em senso

comum com o povo, cedo lançou a fundação do poder temporal do Papado, que continuamente cresceu, especialmente sobre os Papas Adriano I e Leão III.

## **V. Sociais.**

Constantino mudou a capital do Império de Roma para Bizâncio em 324 d.C., quando o antigo sistema político romano feneceu, e este convertido real reinou como absoluto monarca até a sua morte em 337 d.C. Além dos problemas causados por Júlio, o Apóstata, o Cristianismo sofreu outros abalos durante as condições indeterminadas consequentes da divisão do Império Romano, que primeiro emergiram em 365 d.C. quando Valentiniano tornou-se Imperador do Ocidente e seu irmão Flávio Júlio Valente do Oriente. Teodósio, o Grande (379 - 395 d.C.) reuniu por um tempo os Impérios do Oriente e do Ocidente, e em 438 d.C. Teodósio Segundo publicou seu código legal, uma obra importante sobre as constituições dos imperadores no tempo de Constantino. A série de imperadores no Ocidente findou em 475 d.C., e os Impérios do Ocidente e do Oriente eram nominalmente reunidos em Zeno, que reinou em Constantinopla. Então de novo o trono de poder mudou-se, e Teodorico, o Grande, reinou na Itália durante um período de paz e prosperidade. Depois, no despertar desta mudança, a arte bizantina influenciou a arte cristã através de Ravena, que de Roma era rival em importância e foi a capital da Dinastia Gótica (493 - 552 d.C.), com a exceção de um breve período em que fora subjugada por Justiniano (537 d.C.). Os reis eram agora eleitos para os estados separados da Espanha, da Gália, e do Norte da África, e a Itália, onde o Rei Odoacro reconheceu a supremacia do único Imperador Romano em Constantinopla. A emancipação da Europa Ocidental do direto controle imperial resultou no desenvolvimento da civilização romano-teutônica, que facilitou o crescimento de novos estados e nacionalidades, e deu novo impulso ao Cristianismo, e eventualmente fortaleceu o poder dos bispos de Roma. A formação desses novos estados resultou no crescimento e desenvolvimento das línguas românticas e teutônicas, as quais, para o uso geral, grandemente substituíram o latim. É claro que essas muitas mudanças sociais e distúrbios políticos não poderiam deixar de refletir-se na arquitetura de um período no qual grandes forças formativas estavam em ação.

## **VI. Históricas.**

O período do Cristianismo primitivo geralmente se toma como indo desde Constantino até a morte de Gregório, o Grande, (604 d.C.), apesar de em Roma e em muitas cidades italianas ter continuado até o século doze. As incursões dos unos na Germânia por volta de 376 d.C. eventualmente trouxeram invasões do Norte na Itália, e em 410 a.C. a própria Roma foi saqueada pelos godos sob Alarico. Tantas forças conflitantes eram correntes na Europa que a disseminação da nova religião foi detida durante esse período de mudança e comoção, até que em 451 d.C., quando da derrota de Átila, rei dos unos, na Batalha dos Campos Cataláunicos, promoveu a consolidação do Cristianismo na Europa. Em 568 d.C., os lombardos penetraram na Itália e reteram a parte boreal por duzentos anos. Então em 800 d.C. Carlomagno foi coroado pelo Papa em Roma, e a partir desta data foi o Império chamado Sacro Império Romano, um título retido até 1806. Sob o Papa Gregório, o Grande, (590 - 604), a arquitetura do Cristianismo primitivo, a última fase da arte romana, gradualmente caiu em desuso, e pelos próximos dois séculos o desenvolvimento arquitetônico praticamente estagnou na Europa; e apesar de a influência bizantina asseverar-se, as antigas tradições romanas estavam suspensas até o tempo em que a arquitetura românica estar gradualmente evoluída.

## **2. CARÁTER ARQUITETÔNICO.**

O caráter da arquitetura do Cristianismo primitivo se vê em edifícios do século quarto até o século sétimo, e em algumas partes até o século doze.

Cada era do desenvolvimento humano inevitavelmente modifica a arte que herdara, no seu esforço, às vezes consciente e às vezes inconsciente, de adaptar a arte do passado para a expressar o semblante do presente. Deste modo, em arquitetura um estilo geralmente se desenvolve do precedente por uma série de mudanças graduais. Os primevos cristãos, como artífices romanos, continuaram as antigas tradições romanas, mas como não era de modo algum ricos usaram, tanto

quanto possível, os materiais dos templos romanos que se haviam tornado inúteis para seu propósito original. Deste modo, em suas igrejas, modeladas segundo as basílicas romanas, eles usaram antigas colunas que por diversos artifícios eram levadas a uniforme altura. Por causa disto, apesar de extremamente interessante numa perspectiva arqueológica, os primevos edifícios cristãos dificilmente terão o valor arquitetônico de um estilo produzido pela solução de problemas construtivos. Basílicas tinham ou colunas entre si de vão estreito, sustentando o entablamento, ou colunas mais largamente distanciadas sustentando arcos semicirculares. A basílica típica, do primevo estilo cristão, é a com três ou cinco corredores, coberta por um simples teto de madeira, oposta ao tipo bizantino, arqueado e com uma cúpula central e circular, jazendo sobre um quadrado, sustida por pendículos, e cercada de outras menores cúpulas.

**Sonnet 2 – When forty winters shall besiege thy brow – William Shakespeare.**

When forty winters shall besiege thy brow  
And dig deep trenches in thy beauty's field,  
Thy youth's proud livery, so gazed on now,  
Will be a tattered weed, of small worth held.  
Then being asked where all thy beauty lies—  
Where all the treasure of thy lusty days—  
To say within thine own deep-sunken eyes  
Were an all-eating shame and thriftless praise.  
How much more praise deserved thy beauty's use  
If thou couldst answer "This fair child of mine  
Shall sum my count and make my old excuse",  
Proving his beauty by succession thine.

This were to be new made when thou art old,  
And see thy blood warm when thou feel'st it cold.

**Jerusalem, William Blake.**

And did those feet in ancient time  
Walk upon Englands mountains green:  
And was the holy Lamb of God,  
On Englands pleasant pastures seen!

And did the Countenance Divine,  
Shine forth upon our clouded hills?  
And was Jerusalem builded here,  
Among these dark Satanic Mills?

Bring me my Bow of burning gold:  
Bring me my arrows of desire:  
Bring me my Spear: O clouds unfold!  
Bring me my Chariot of fire!

I will not cease from Mental Fight,  
Nor shall my sword sleep in my hand:  
Till we have built Jerusalem,  
In Englands green & pleasant Land.

**Soneto 2 – Quando quarenta invernos a tua testa – William Shakespeare.**

Quando quarenta invernos a tua testa  
Cercarem, e atros cavarem em teu prado,  
Teu ufano e ledó ser, ora tão fitado,  
Será tal rota flor, que abjeta se atesta.  
Aí indagar-te onde tua beleza mora,  
Onde do teu lascivo tempo o tesouro,  
Dizer que traga em si teu olhar sorvedouro  
Voraz vergonha, e vão louvor te fora.  
Quanto mor louvor cabia à tua vontade  
Se dizer tu pudesses: "Vê o pequeno  
Meu e belo, que me salva em sua idade",  
Provando sua beleza co'a tua sucedendo.

Terno seria este, quando velho fosses,  
E veria arder teu sangue que frio sentisses.

**Jerusalém, William Blake.**

E aqueles pés em tempo antigo  
Andaram sobre a verdura do monte inglês:  
E o Sagrado e Divino Cordeiro ver-se fez,  
sobre o ameno pasto amigo inglês!

E o Divino gesto soberano,  
Fulgiu sobre nossas nebulosas colinas?  
E foi Jerusalém subida neste plano,  
Entre estas tristes e satânicas usinas?

Traze-me meu arco d'ouro ardente:  
Traze-me minhas setas de desejo:  
Traze-me minha lança: Ó nuvens, cessai!  
Traze-me meu carro, que de fogo vejo!

Da luta ideal então não cesso,  
Nem dorme a espada na minha mão:  
Até que para Jerusalém seja converso  
Da Inglaterra o verde e tenro chão!